

**GARIMPANDO MEMÓRIAS:  
ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA**

Organizadoras:

Silvana Vilodre Goellner  
Angelita Alice Jaeger

Porto Alegre  
Outubro - 2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

© dos autores

1ª edição: 2007

Direitos reservados desta edição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Flavio Gonçalves

Revisão: Fernanda Kautzmann

Editoração eletrônica: Vanessa da Silva/ Gênese Artes Gráficas

---

G232 Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança /  
organizado por Silvana Vilodre Goellner e Angelita Alice Jaeger.

– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

(Série Esporte, Lazer e Saúde)

Inclui referências.

Inclui quadros.

1. Educação física. 2. Memória e sociedade. 3. Lazer. 4. Esportes.  
5. Dança. 6. Práticas corporais. 7. Práticas esportivas. 8. Mulheres –  
Corpos – História. I. Goellner, Silvana Vilodre. II. Jaeger, Angelita  
Alice. III. Série.

CDU 796

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.

(Ana Lucia Wagner – Bibliotecária responsável CRB10/1396)

ISBN 978-85-7025-931-8

## ENTRE LAMARCK E MENDEL:

### Olhares eugênicos sobre a Educação Física brasileira

André Luiz Silva<sup>1</sup>

Garimpendo memórias... Garimpar, procurar, revirar... O ato de lançar-se aos arquivos, vasculhar os vestígios e tentar trazer à tona os fragmentos do passado assemelha-se a um garimpo. Num imenso universo de fontes desconectadas, de vestígios perdidos, garimpar memórias é procurar, explorar, buscar encontrar aquilo que é precioso. Não raras vezes, o valor da descoberta está intimamente ligado a sua escassez, ao seu ineditismo.

Nesse processo de escavação, exploram-se as bibliotecas, os centros de memória e os arquivos, buscando-se encontrar as vozes esquecidas, as palavras silenciadas e os registros de um passado ainda não reconstruído. Na busca por vestígios, vasculham-se as possíveis guaridas desses fragmentos, e, nesse processo, revira-se não só o que é inédito, como também o corriqueiro.

Objetos, documentos, livros e artefatos antes já explorados sugerem outras leituras no momento em que são postos lado a lado com outros tantos vestígios. Revirar os fragmentos faz rearranjar as fontes que há muito são vistas. Numa nova configuração, suscita novos sentidos e possibilidades de outras interpretações.

Assim surge este texto. Garimpendo os vestígios deixados pelos eugenistas, encontramos o nome de Renato Kehl<sup>2</sup>, cujo grande número de obras dificulta seu estudo. Posso dizer que, assim como imensamente valiosas, as obras de Kehl são abundantes<sup>3</sup>. Ao dirigir meu olhar aos seus dizeres, chamou-me especial atenção sua relação com a Educação Física, o que me guiou às obras de Fernando de Azevedo<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Física e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

<sup>2</sup> Importante médico eugenista brasileiro. Fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918, é considerado o “pai” da eugenia brasileira.

<sup>3</sup> Encontra-se na Fiocruz imenso acervo desse eugenista; além disso, é possível encontrar um grande número de suas obras nas bibliotecas da USP, assim como em diversas outras bibliotecas e centros de memória. Inúmeros são os estudos que têm como foco as noções de eugenia postas no Brasil. Dentre eles, podemos citar os trabalhos de Habib (2003), Reis (1994), Stepan (1996), etc.

<sup>4</sup> Vários são os autores que focaram os textos de Fernando de Azevedo, dentre eles: Pagni (1994), Góis Júnior (2003 e 2006), Soares (1994), etc.

O garimpo que deu origem a este texto não se configura como a emergência de fontes nunca antes estudadas, mas de novas leituras sobre fragmentos já conhecidos. Dessa forma, obras como: *Lições de Eugenia* (KEHL, 1935), *Aparas Eugênicas* (KEHL, 1933), *Melhoremos e prolonguemos a vida* (KEHL, 1922), dentre tantas outras, nos sugeriram novas leituras e reinterpretações quando postas lado a lado com *Da Educação Física* (AZEVEDO, 1920) e *Antinoiis* (AZEVEDO, 1919).

Ao voltar-me para a Eugenia brasileira, seus contornos e contradições, busquei apontamentos de seu envolvimento com as atividades físicas sistemáticas. Imerso nas diversas teorias da hereditariedade que circulavam em fins do século XIX, foi possível pensar as bases teóricas da Eugenia e seus dizeres. Se pensarmos a Eugenia como a ciência da melhoria da espécie que atua em prol da boa hereditariedade e, partindo da noção de que os benefícios da Educação Física são impossíveis de ser transmitidos às gerações futuras, esbarramos nas seguintes questões.

Uma vez que a Educação Física não atua sobre as células germinativas e não interfere na descendência da população, qual espaço lhe foi reservado? Se considerada como elemento eugenizador, até que ponto o é?

Para responder essas questões, me pus a garimpar fontes<sup>5</sup> que datam de 1920 a 1936, (re)pensando termos, discursos e contradições. Dialogando com algumas publicações de Renato Kehl e Fernando de Azevedo, estive atento ao contexto, às mudanças, aos encontros e descaminhos da ciência Eugenia e seus olhares sobre a Educação Física.

#### Aspectos basilares da ciência eugenia

Em momento de grande agitação intelectual na Europa, surge a Eugenia: movimento político-científico que visava a ampliar as qualidades daqueles que ainda estavam para nascer. Era uma ciência que pretendia legar boas características às gerações futuras. Para Galton<sup>6</sup>, considerado pai da Eugenia, a sociedade poderia fazer depressa o que a natureza fazia lentamente, selecionando o homem em prol da evolução de sua espécie.

---

<sup>5</sup> Livros e publicações em eventos científicos, especialmente de Fernando de Azevedo, entusiasta da Educação Física, e de Renato Kehl, um expoente da Eugenia naquele momento, mas que não representava unanimidade em meio ao pensamento eugênico.

<sup>6</sup> *Hereditary Genius*, 1869.

A primeira obra destinada a discutir esse assunto data de 1869. O livro intitulado *Hereditary Genius* é assinado por Francis Galton, que, ao longo de sua vida, se dedica a uma série de investigações para conferir à Eugenia cientificidade e legitimidade. Na primeira edição desse livro, o autor trouxe como parte integrante de seu estudo a teoria pangenética de Darwin<sup>7</sup>, a qual dizia que as características presentes no indivíduo, sejam elas herdadas, adquiridas ou latentes, são transmitidas a seus descendentes. Como veremos adiante, em períodos posteriores a 1890, quando foi reeditada e reimpressa a obra de Galton, várias foram as mudanças ocorridas quanto às teorias da hereditariedade; no entanto, a obra foi reeditada com o mesmo conteúdo<sup>8</sup>.

Em 1890, o biólogo August Weismann avança em sua teoria do “*germ plasm*”, na qual constata a independência deste do “*somaplastm*”<sup>9</sup>. Assim, as células germinativas, responsáveis pela hereditariedade, não sofreriam influências externas, ou seja, as características adquiridas ao longo da vida não seriam transmitidas aos descendentes. Weismann viria contrariar as teorias de Lamarck que pregavam a herança de caracteres adquiridos, em que influências externas poderiam alterar o “*germ plasm*” permanentemente (STEPAN, 1996). Galton, desde 1860, já recusava as idéias de Lamarck, assumindo sua preferência pela teoria pangenética de Darwin.

Em 1900, Gregor Mendel comprova as teorias de Weismann, dizendo que a variação e a recombinação do caráter hereditário é algo inerente às células germinativas, independentemente das células somáticas – mais um elemento a reforçar a teoria cromossômica da herança genética (BIZZO, 1995).

Imersa nessa agitação teórica, a Eugenia foi constituindo suas bases. Assumindo a teoria da hereditariedade, conferia status de ciência a seus dizeres. Entretanto, as bases teóricas que sustentam a Eugenia não foram vistas da mesma maneira em todos os lugares. Sofrendo influências dos contextos, a Eugenia se insere em diversos países, assumindo distintas teorias hereditárias. Pode-se dizer que, por mais que as teorias de Mendel tenham dado bons indícios da distinção entre células germinativas e células somáticas, o uso da teoria de Lamarck se fazia presente.

---

<sup>7</sup> Primo de Francis Galton (BIZZO, 1995).

<sup>8</sup> Galton desculpa-se por não ter tido oportunidade para rever o conteúdo, especialmente o capítulo final, o qual se refere à “teoria provisória da pangênese” (BIZZO, 1995).

<sup>9</sup> Os termos “*germ plasm*” e “*somaplastm*” referem-se, respectivamente, a células germinativas e somáticas.

## A eugenia brasileira: cores e formas em verde e amarelo

Os países europeus, desde há muito, eram símbolo de tudo o que inspirasse a civilização e o avanço para os “atrasados” países latino-americanos. O início do século no Rio de Janeiro e em São Paulo via materializar a ânsia por ser como a Europa (MORENO, 2001).

No entanto, por volta da segunda metade da década de dez, o colapso gerado pelo barbarismo europeu na primeira grande guerra ajudou a constituir um “espírito” nacionalista. Enquanto na Europa a guerra intensificou o medo da degeneração, no Brasil, gerou novo ânimo para a regeneração nacional. Esse momento político influenciaria a criação de diversas instituições nacionais, dentre as quais: Liga de Defesa Nacional (1916), Liga Nacionalista de São Paulo (1917), Liga Brasileira de Higiene Mental (1923) e Sociedade Eugênica de São Paulo (1918)<sup>10</sup>.

Envolvidos por um contexto marcadamente nacionalista, os intelectuais brasileiros, de posse de conhecimento biológico racista, passam a questionar-se quanto à Eugenia, que pregava a raça branca como superior, colocando o brasileiro e o Brasil em condição marginal. Apesar de essas teorias prestarem-se eficientemente à legitimação de uma situação de desigualdade<sup>11</sup>, traziam problemas, como a idéia de que o Brasil estaria fadado ao subdesenvolvimento e a uma população incivilizada – um país modelo daquilo que não se queria ser (STEPAN, 1996).

Nessa perspectiva, urgia romper com as propostas fatalistas, dando um tom personalizado às teorias adotadas no Brasil, o que resultou no discurso da singularidade racial brasileira, elevando a miscigenação à categoria de regeneradora racial. Opera-se, então, uma mudança nos princípios teóricos racistas, enfocando questões de saneamento e educação.

Essa mudança no cenário teórico não se deu de forma radical, passando a negar postulados raciais, mas sim de forma enviesada, que permitiu ao intelectual brasileiro reconhecer no mestiço fatores de embranquecimento. Os ideais de branqueamento passados pela miscigenação apóiam-se na idéia de seleção natural, em que os negros e os índios, por serem considerados inferiores, estavam fadados ao desaparecimento. A superioridade branca transmitiria seus caracteres superiores, dando origem a mestiços

---

<sup>10</sup> A fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo por Kehl e Arnaldo Vieira de Carvalho é considerada o marco inicial das investidas eugênicas no Brasil (REIS, 1994).

<sup>11</sup> Desigualdade de classe, raça, sexo, etc.

de boa linhagem. A seleção natural, que guarda origem próxima ao eugenismo, serviria de elemento racional, argumento em prol de um branqueamento via mestiçagem (REIS, 1994).

Devido a forma peculiar como a Eugenia adentrou o Brasil, os eugenistas brasileiros passam a ser classificados como uma vertente alternativa das teorias lamarckianas. O neo-lamarckismo surge a partir da expectativa otimista quanto à melhoria ambiental, o que converge com ideais higienistas, tão em moda naquele momento. Além disso, a teoria de Lamarck dá um tom menos determinante às questões raciais. Apoiar-se em Mendel poderia gerar pessimismo quanto à população brasileira, negando qualquer possibilidade de intervenção das práticas ambientais. Outro elemento é o fato de a França possuir seus conceitos baseados na referida teoria de Lamarck, o que pode ter influenciado a postura brasileira (REIS, 1994).

#### A Educação Física no plano de ação eugênico

Acaba de aparecer um ótimo compêndio intitulado “Da Educação Physica – o que ella é, o que tem sido, o que deveria ser”, do Dr. Fernando de Azevedo, illustre especialista nessa disciplina que está destinado a prestar valioso concurso aos nossos educadores. (...) Aconselhamos esse livro a todos que se interessam pela cultura physica (KEHL, 1922, p. 183 e 184).

A propósito de um livro do Dr. Fernando de Azevedo, Renato Kehl escreve, em seu livro *Melhoremos e prolonguemos a vida* (1922), um capítulo intitulado “Exercícios Physicos”, no qual tece grandes elogios e recomendações à obra *Da Educação Physica* (KEHL, 1922, p. 181).

Fernando de Azevedo foi importante entusiasta das atividades físicas como fator educativo e higiênico do povo brasileiro. Representou importante papel dentro da história da Eugenia brasileira, sendo membro da Sociedade Eugênica de São Paulo. Discursou, em 25 de janeiro de 1919, na referida Sociedade Eugênica, sobre relações entre Eugenia e Educação Física, trabalho intitulado *O segredo da Maratona*<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Nesse mesmo ano, o texto foi, juntamente com outros tantos, publicado no livro *Antinoüs* (1919).

Em 1916, publica *Da Educação Física*, obra reeditada em 1920 e 1960, composta por textos que tratam de diversos aspectos das atividades físicas. Dentre os vários capítulos que compõem essa obra, é possível perceber um especialmente produzido para falar da Educação Física da mulher e sua relação com a ciência da melhoria da espécie<sup>13</sup>. Entretanto, é importante ver com ressalvas as falas de Azevedo, cujos textos não tratam de qualquer concepção de Eugenia<sup>14</sup>. O autor relaciona fatores externos, como Educação, Higiene e Educação Física, como sendo elementos importantes na “criação” de um povo, forma de ver em consonância com a atmosfera política em que se encontrava o Brasil naquele momento<sup>15</sup>. Segundo Azevedo (1920, p. 22):

O exercício – esta maravilhosa acção mecânica, é que corrige e modela a estrutura humana. Quando, pois, persistindo a causa durante varias gerações, a herança fixa definitivamente os caracteres adquiridos, as modificações anatômicas assim produzidas tornam-se permanentes (...).

Seus dizeres em favor de questões culturais aproximam-no das proposições teóricas de Lamarck, as quais diziam que caracteres adquiridos seriam legados às futuras gerações. Para Azevedo (1919 e 1920), o indivíduo eugenicamente perfeito é aquele que traz harmonia física, moral e intelectual, resultado de um legado hereditário e de boas condições ambientais.

As noções postas por Azevedo são bastante consoantes com o discurso eugênico de Kehl entre fins da década de dez até meados dos anos vinte<sup>16</sup>. Como visto, é possível pensar na grande proximidade entre Azevedo e a Eugenia pelo fato de este ter discursado na Sociedade Eugênica de São Paulo, de ser membro

---

<sup>13</sup> *Ainda a Educação Physica feminina: aspecto social do problema. Eugenia e plástica* (AZEVEDO, 1920).

<sup>14</sup> Diversos eram os olhares sobre a Eugenia, indo das perspectivas mais brandas (a favor de melhorias ambientais e culturais) às mais radicais (a favor da esterilização e segregação dos degenerados). Cada olhar apoiava-se em argumentos teóricos específicos.

<sup>15</sup> De acordo com Góis Júnior (2006), essas noções de Eugenia presentes nas obras *Da Educação Física* (1920) e *Antiniños* (1919), não se modificam em outros textos de Azevedo, escritos nas décadas de 30 e 40.

<sup>16</sup> Não quero, ao ressaltar a proximidade dos dizeres de Kehl e Azevedo, dizer que havia total convergência entre esses autores, nem mesmo dizer que Azevedo poderia ser considerado um eugenista. Aponto as proximidades dos discursos e a proximidade com a Eugenia para conferir vulto às falas bastante significativas de Azevedo.

dessa instituição e, ainda, por Kehl ter escrito um capítulo de livro com o propósito de comentar sua obra.

Nesse sentido, a noção de melhoria da espécie por meio da melhora das condições ambientais, assim como o discurso em favor da cultura, revela convergência com o que diz Kehl: “instruir é eugenizar, sanear é eugenizar” (KEHL, 1925, p. 867). Tal fragmento sintetiza bem as noções postas por Kehl naquele momento, unindo a Eugenia à Educação, que pode ser entendida nas suas múltiplas possibilidades, seja na higiene, na construção de bons hábitos ou mesmo na Educação Física. Esses elementos são convergentes com as definições do que é Eugenia nesse período. Assim sendo, para Fontenelle (1925, p.484), Eugenia diz respeito “à utilização de todos os conhecimentos científicos que concorrem para melhoramento physico e mental das gerações futuras”<sup>17</sup>. Segundo Vianna (1927, p. 140):

é a geração sadia sob o tríplice aspecto dos seus attributos physicos, mentais e moraes; é o conjunto de normas, regras e preceitos todos inspirados num elevado e generoso ideal que conduza o homem pelo caminho da perfectibilidade (...).

Esses autores partilham das mesmas noções ou, melhor dizendo, definições de Eugenia que Renato Kehl<sup>18</sup>. Nos trilhos dessas concepções, a Educação Física seria elemento de grande valor, incentivada em inúmeras obras eugenistas<sup>19</sup>. A Educação Física é incorporada em um projeto de regeneração nacional e, com seus saberes próprios, vai fortalecer o corpo do cidadão a fim de despertar qualidades inatas antes adormecidas. A Educação Física, cientificamente prescrita durante várias gerações, seria capaz de legar às futuras proles os benefícios de suas práticas. Vejamos Azevedo (1920, p. 229):

---

<sup>17</sup> Fontenelle, *op. cit.*, p. 484.

<sup>18</sup> Não quero com isso dar a entender que as definições de Eugenia eram uníssonas naquele momento. O uso que faço desses autores é intencional para dar ênfase à noção de Eugenia aberta a várias possibilidades de intervenção, e não restrita unicamente aos campos da genética.

<sup>19</sup> Podemos citar Kehl em *A cura da fealdade* (1926) e *Melhoremos e prolonguemos a vida* (1922).

Uma vez introduzida pela educação nos hábitos do paiz, a pratica d'esta cultura physica, sustentada durante uma larga serie de gerações, depuraria a nossa raça de diatheses mórbidas, locupletando-a, progressivamente pela criação incessante de indivíduos robustos.

Ainda podemos dizer que a Educação Física foi vista como grande aliada devido a seu caráter disciplinar, elemento consoante com todas as vertentes do pensamento eugênico.

Novas formas e novos tons: o radicalismo rondando as proposições eugênicas

Em 1929, foi realizado o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia. Nesse mesmo ano, Renato Kehl passa a editar o *Boletim de Eugenia* e é fundado, no Rio de Janeiro, o Instituto Brasileiro de Eugenia. Pouco mais tarde, com o governo Vargas<sup>20</sup>, verificam-se aspectos antiliberais em sua política que, somados à movimentação no plano intelectual dessa ciência, viriam atentar os eugenistas para propostas de intervenções mais ousadas.

Os alemães passam a colocar em prática uma série de medidas eugênicas radicais, especialmente após 1933, com o apoio de Hitler, o que inspira adeptos no Brasil. Isso pode ser considerado outro fator a influenciar a nova postura adotada pelos eugenistas brasileiros.

A Comissão Central Brasileira de Eugenia, encabeçada por Kehl, em 1931, divulgou seus anseios, a serem posteriormente apresentados à Assembléia Constituinte de 1933. Pode-se dizer que esses anseios estavam em total concordância com elementos das proposições alemãs<sup>21</sup>.

Em 1929, Renato Kehl aproveita a ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia para lançar seu *Lições de Eugenia* (1929), obra reeditada em 1935. Já na “primeira Lição<sup>22</sup>”, percebemos alterações substanciais na definição do que é Eugenia. Sem descartar definições anteriores, atua complementando-as, delimitando melhor o termo. Observamos, em alguns momentos, proximidades entre o que é Eugenia no

---

<sup>20</sup> A partir de fins de 1930.

<sup>21</sup> Isso é facilmente percebido em *Aparas Eugênicas* (1933).

<sup>22</sup> Os capítulos são delimitados por lições; ao todo, são treze lições, e a primeira corresponde ao primeiro capítulo da obra.

*Lições de Eugenia* (1935) e o que é em *Melhoremos e prolonguemos a vida* (1922). Entretanto, novas características são incorporadas à definição. Assim sendo, no ano de 1922, em *Melhoremos e prolonguemos a vida*, o autor define Eugenia como: “a ciência do aperfeiçoamento moral e phisico da espécie humana” (p.27). Apesar de breve, essa definição torna-se significativa se pensarmos o contexto nacionalista e todo o discurso em prol da miscigenação antes mencionado. Já em 1935, em *Lições de Eugenia*, Kehl (p.15) conceitua:

Eugenia (...) é sinônimo de eugenesia e eugenica. Tem por fim a melhoria progressiva da espécie pelo fomento da boa geração, pela procriação hígida, consistindo, em suma, no enobrecimento físico e mental do homem. No dizer de Huerta, constitue ciência e arte da geração: ciência, pelos seus meios de estudo; arte, pelas suas aplicações. Como ciência tem por objeto a investigação da herança biológica; como arte, tem por escopo a boa procriação.

Diferente da definição de 1922, nessa obra e em outras analisadas<sup>23</sup> da década de 30, o termo vai se fechando e assumindo outras configurações, dando maior atenção para as questões genéticas. Nessa mesma obra, Kehl traz a definição de Eugenia de acordo com os alemães, o que, como visto, começa a inspirar os ideais eugênicos brasileiros. Vejamos: “Eugenia é a higiene das disposições hereditárias que estão contidas nas células de reprodução” (KEHL, 1935. p. 16). Nesse fragmento, é possível perceber o quão incisivas se tornam as noções biológicas. Aperfeiçoamento da espécie humana e melhoria da raça, que antes soavam abertos a diversas interferências, nesse novo momento, tornam-se mais fechados, mais focados nos determinismos extremos da genética e da hereditariedade.

Outro importante aspecto é a distinção feita entre Eugenia e “eutecnia”. Sem qualquer influência sobre a genética do indivíduo, a “eutecnia” iria se ocupar em fornecer bom ambiente para seu pleno desenvolvimento, assim:

Assistência e Educação Física não enquadram (...) na Eugenia: suas influências são laterais e não idiocinéticas, isto é não agem sobre o plasma germinal (KEHL, 1935, p. 16).

---

<sup>23</sup> Refiro-me a Kehl (1933 e 1937).

Os indícios nos mostram que os olhares se voltam para a Eugenia enquanto ciência vinculada à genética. A Educação Física, antes elemento regenerador da nação, como dito por Azevedo, perde sua classificação de eugenizadora. O dito “instruir é eugenizar, sanear é eugenizar” (KEHL, 1925, p. 867) perde seu sentido.

Ainda em *Lições de Eugenia* (1935), Kehl aponta para as teorias sustentadoras da ciência da melhoria da espécie e dispensa pouco espaço às teorias de Lamarck, enquanto páginas são escritas sobre o mendelismo. Por fim, define Eugenia segundo o conselho de 1904<sup>24</sup>: “estudo dos fatores que sob o controle social, possam melhorar ou prejudicar as qualidades raciais das gerações futuras, quer física, quer mentalmente”.

Essa definição, apesar de possuir o peso de ter sido construída por uma comissão especializada, traz elementos que podem gerar dúvidas e interpretações diversas. Azevedo, em seu *Da Educação Physica* (1920), utiliza essa definição para delimitar o que é Eugenia. No entanto, em meio a um livro que traz verdadeiro elogio ao mestiço, à Educação Física e às questões culturais, podemos interpretar que a melhoria das “qualidades raciais das gerações futuras” pode ser alcançada através de boas condições ambientais.

Ao olharmos para essa mesma definição no texto de Kehl, *Lições de Eugenia*, as qualidades raciais nos sugerem uma interpretação ligada à herança genética<sup>25</sup>. Dessa forma, a interpretação da definição da comissão de Londres é passível de diversos tons dos textos em que está inserida.

Em *Aparas Eugênicas* (1933), Kehl retoma a discussão sobre Eugenia e eugenismo, porém adotando algumas modificações. Eugenia continua configurando-se como ciência a estudar os valores hereditários para a boa prole. Eugenismo, entretanto, passa a assumir caráter bem próximo de “eutecnia”, aporte acessório para a eugenia. Dessa forma, ressalta: “há os que confundam eugenia com Educação Física, com plástica, com educação sexual, (...) ou a considere um simples ramo da higiene” (p.56). Será que, a partir desse livro, podemos voltar a considerar o poder eugenizante da Educação Física? Afinal, mesmo não sendo

---

<sup>24</sup> Esse Conselho, formado em Londres, composto por Galton e outros membros, tinha o intuito de definir o termo *eugenia*. Kehl (1935, p. 16).

<sup>25</sup> A noção de raça como povo, nação, conjunto de indivíduos, permanece durante a década de trinta. Outro elemento é que, apesar de uma postura radical dos eugenistas, a partir desse momento, suas propostas não se tornaram ação. Entenda-se que tais propostas se baseavam nas condições de saúde da população, e não em caracteres étnicos.

considerada Eugenia, é incorporada ao eugenismo. Ou será que devemos considerar eugenizadores apenas os atos da Eugenia? Sem elementos para responder essas perguntas, lançamos nosso olhar a outro fragmento:

O otimismo infantil de tantos políticos, pedagogos e filósofos que esperam estender às gerações futuras os benefícios atuais de assistência social, do esporte, da higiene física, da educação etc (...) não é senão o exemplo típico da mais grosseira ignorância biológica, ou falta mais completa de raciocínio (KEHL, 1933, p. 56).

A partir disso, não é difícil perceber que o diálogo restrito ao campo da hereditariedade mendeliana relega os benefícios das práticas corporais a um lugar menos privilegiado; afinal, seus benefícios não são transmitidos às futuras gerações.

Otávio Domingues, em seu livro *Hereditariedade e eugenia* (1936), no capítulo “A eugenia e os esportes”, introduz o assunto a partir de um comunicado da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE) à imprensa, quando anunciou a definição de Eugenia de acordo com a comissão de 1904. O texto transcrito no livro de Domingues traz nítida semelhança com o texto de Kehl em seu *Aparas Eugênicas* (1933). Em comum acordo com a CCBE e com Kehl, Domingues vai reforçar o alerta contra a confusão quanto ao termo *eugenia*<sup>26</sup>.

Da definição, Domingues traça linhas que aproximam a confusão do que é Eugenia com a crença nos esportes. Refutando as idéias de Lamarck, atribui a estas o motivo dos equívocos. “Daí o louvor exagerado dos esportes. Daí a idéia de que o atletismo é caminho andado para a conquista do ideal eugênico” (DOMINGUES, 1936, p.51). E conclui dizendo:

É que ninguém se lembra que o atleta já nasce feito (...) e sua robustez é uma conseqüência direta do vigor de seu corpo, da boa conformação de seus raios ósseos, da proporcionalidade desejável das diversas partes de seu corpo – qualidades essas

---

<sup>26</sup> De acordo com Castaneda (2003), Kehl e Domingues representavam idéias divergentes quanto a bases teóricas, sendo Kehl de base lamarckista e Domingues, mendelista.

inatas, herdadas fatalmente. O que o exercício faz é pô-las à mostra, desenvolvê-las (DOMINGUES. 1936, p. 51).

A Educação Física, assim como os demais aportes da Eugenia, é relegada a uma posição de menor importância se comparada com ações de caráter hereditário, o que não acarreta seu esquecimento. Segundo as conclusões principais aprovadas pelo 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, temos que: “os princípios da eugenia e a observância dos seus preceitos não excluem a influência benéfica da educação escolar (...), física, intelectual (...), convenientemente orientada”<sup>27</sup>.

Góis Júnior (2006) aponta que, em periódicos específicos da Educação Física (*Revista Educação Physica* e *Revista Educação Física do Exército*, nos períodos dos anos 30 e 40), havia um grande número de textos publicados sobre a Eugenia, seja no seu viés mais brando ou mesmo na sua vertente mais radical. Além disso, identificamos nos estudos de Goellner (2003) que, em diversos momentos na década de trinta, a *Revista Educação Physica* trouxe artigos densos e importantes sobre o tema Eugenia, o que indica estreita relação entre as duas áreas.

Apesar de dissociada da ciência Eugenia, a Educação Física representava mais um campo de conhecimento que poderia se prestar às investidas eugênicas. Assumindo o discurso eugênico, ela propagandearia seus ideais. Embasada por teorias científicas, engrossaria o caldo do conhecimento eugênico e, com isso, serviria à eficácia política, uma vez que o discurso científico se configurava como discurso competente.

\* \* \*

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (BENJAMIN, 1993p. 51).

---

<sup>27</sup> Essas conclusões estão presentes em Domingues (1936, p. 237).

A complexidade do que foi a Eugenia brasileira e suas relações com diversas áreas indicam infinitas possibilidades de reconstruir essa história. Seus vestígios carregam lacunas do que se perdeu, ao passo que apontam tantos outros que soa impossível averiguar. Os resquícios do passado foram configurados num diálogo constante com outras leituras sobre o que foram a Eugenia e a Educação Física brasileira, construindo um mosaico cuja forma é passível de interpretações diversas.

Ao reler, recontar, reconstruir as idéias eugênicas sobre a Educação Física, identifico as turbulências de uma ciência que se moldava às cores e formas em verde e amarelo, com as mudanças no cenário político influenciando suas formas de conceber e assumir características diversas. Os conflitos entre os termos, os textos entreabertos, os diálogos viesados entre bases teóricas, tudo isso resultou em formas diversas de ver a Educação Física, assim como foram muitas as posturas assumidas pela Eugenia. A Educação Física, como elemento eugenizante, capaz de influir na hereditariedade, por vezes foi enaltecida, por vezes foi relegada. Longe da unanimidade da regeneração racial, as atividades físicas passaram pelo conflito e o contra-senso das discussões teóricas que rodearam a “ciência da melhoria da espécie”.

#### Referências

AZEVEDO, F. *Da Educação Física, o que é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo Edições Melhoramentos, 1920a. 2ª. ed.

\_\_\_\_\_. *Antíus: Estudo de cultura Athletica*. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920b.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 6ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BIZZO, N.M.V. *Eugenia: quando a biologia faz falta ao cidadão*. Caderno de pesquisa. São Paulo SP. fev. 1995.

CASTANEDA, L. A. *Eugenia e casamento*. História, Ciência e Saúde: Manguinhos. N.1 Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2003

DOMINGUES, O. *Hereditariedade e eugenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1936

FONTENELLE, J. P. *Compendio de Hygiene Elementar*. Rio de Janeiro: Propriedade do autor, 1925. 2ª. Ed.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina, imagens da mulher na revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003

GOIS JÚNIOR, E. *O século da higiene: uma história de intelectuais da saúde (Brasil século XX)*. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação Física, Higienismo e Raça (Brasil, 1930 – 40). In Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança. II Congresso Latino Americano de História de La Educación Física, 2006.

HABIB, P. A. B. B. “*Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou*”: *raça, eugenia e nação*. 2003. 175 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Campinas.

KEHL, R. *Melhoremos e prolonguemos a vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

\_\_\_\_\_. *Da Eugenia e o futuro do Brasil*. In I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora, 1925.

\_\_\_\_\_. *A cura da fealdade*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co-Editores, 1926.

\_\_\_\_\_. *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização (Novas Diretrizes)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933

\_\_\_\_\_. *Lições de Eugenia* 2ª. Ed. Refundida e aumentada. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1935.

\_\_\_\_\_. *Porque sou eugenista: 20 anos de campanha eugnica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

MORENO, A. *Corpo e ginástica num Rio de Janeiro – mosaico de imagens e textos*. 2001. 246 f. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação – Universidade Federal de Campinas.

PAGNI, P. A. A prescrição dos exercícios físicos e dos esportes (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, Amálio. (Org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*. 1 ed. Vitória: Editora do CEFD/UFES, 1997, v. 1, p. 59-82.

REIS, J. R. F. *Higiene mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. 1994. 353 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Campinas, 1994.

SOARES, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas SP: Autores Associados, 1994

STEPAN, N. L. *The hour of eugenics, race, gender and nation in Latin América*. London: Cornell University Press, 1996.

VIANNA, G. *Lições de Medicina Social*. Porto Alegre: Typographia Santo Antonio, 1927.